

Uma história de amor

Diana Felizardo

A casa permanece a mesma. Quieta. Silenciosa. Uma porta. Duas janelas. O sótão.

As mesmas cores. Pardas, indefinidas.

Reconheço todos os degraus. Um a um, gastos pelo tempo. Reconheço a porta de madeira desbotada com dois postigos de vidro esverdeado.

A porta aguarda ansiosa a minha decisão. Os nossos olhares cruzam-se e ela sussurra-me: “Abre-me, abre-me”. Finjo não entender.

E a voz da porta, como brisa, a sussurrar-me: “Abre-me, abre-me”. Hesito.

Os nossos olhos reencontram-se e ela implora-me numa súplica de saudade: “Abre-me, não demores. Entra. É também a tua casa.”

A minha casa. Como todas as casas. Pedações de vida com desvios mais ou menos dramáticos, segundo linhas traçadas pelo destino, como as linhas da palma da mão. A linha da vida é, na maior parte das vezes, tortuosa, impenetrável e prepotente. Torneá-la é uma tarefa gigantesca. Manter o rio nas suas margens, torna-se uma arte. Hesito, porque a saudade dói.

As memórias estão vivas, mesmo cobertas de pó de trinta anos. Olham-me e, são tão reais, que as consigo ter numa mão, lançá-las pelo ar até bem longe no tempo e deixá-las pairar no céu como estrelas, como anjos da guarda que me acompanham, me acariciam o presente, me alimentam a alma e aquecem o coração.

Respiro fundo, olho a porta. Rodo a chave, abro a porta e entro. Toco as paredes. Tateio, procurando encontrar algo mais do que o cheiro familiar. Tateio devagar para não quebrar o fio que me liga a uma história.

Reconheço os degraus de cimento, a mesa, as árvores envelhecidas. Reconheço o banco de pedra debaixo da figueira. E tudo volta para trás no tempo.

A tia Deolinda senta-se, no banco de pedra debaixo da figueira, para bordar mais um pano branco. Se medisse tudo aquilo que ela já bordou, certamente que daria a volta ao mundo.

Logo pela manhã, vestida toda de preto, sem proferir palavra, inicia um ritual começado há muito. Observo-a fascinada. As suas mãos acariciam o tecido, os seus dedos magros e ossudos movimentam-se como aranhas a tecer a sua teia. Benze-se e para, olhando o horizonte como se esperasse alguém.

É uma mulher alta e forte de cabelos arruivados. Umhas vezes parece-me muito nova, outras vezes nem sei que idade poderá ter.

- Tia, tu bordas muito bem - tento puxar conversa, gabando-lhe o bordado - está mesmo bonito!

- Hum... podia estar melhor. - responde-me ela, sem sequer olhar para mim.

- Gostava de saber bordar. Podias ensinar-me... - sugiro eu.

- Não posso, não tenho tempo. Tenho ainda muito que bordar. Olha, vai brincar, vai brincar... - responde ela, impaciente.

A minha avó costuma contar que a tia Deolinda fez um pacto com as forças misteriosas, Com as forças misteriosas da Natureza.

Não entendo muito bem o que quer isto dizer, mas que deve ser estranho, disso não tenho qualquer dúvida. Diz-me isto com um ar de intriga. Eu aceno e lanço-lhe um olhar meio cúmplice, para partilhar com os adultos os mistérios da vida.

- Avó, o que está a tia sempre a bordar? - pergunto eu, sem entender a razão daquela tarefa.

- Não ias entender, minha neta, não ias entender - responde ela com um abanar de cabeça resignado, suspira, deita as mãos ao céu e continua a lavar a roupa.

Fecho a porta do quintal. A mesinha da costura continua no mesmo sítio, a caixa, os carrinhos de linhas, os alfinetes. Abro a gaveta do lado esquerdo. Embrulhado, ao fundo da gaveta, quase despercebido, encontro um pano branco bordado.

Para mim, o mistério é tão indecifrável, que qualquer resposta que eu queira dar é completamente inverosímil. Só a história verdadeira me poderá elucidar. Eu gostaria que a minha avó me contasse a história da tia Deolinda a bordar no banco de pedra debaixo da figueira, mesmo que eu não a entendesse.

Verdadeira a história? Inventada? Que importa!?

Importa sim, a nossa imaginação desperta, a possibilidade de, também nós, caminharmos ao lado das personagens. Senti-las bem junto, de cabeça no nosso ombro. Passar-lhes as mãos pelos cabelos. Afagar-lhes as lágrimas.

Desdobro o pano branco bordado. Um céu pintado de tempestade, o vento e as folhas em rebuliço. Um homem a vir de encontro à tempestade, de rosto baixo, tentando caminhar. No canto do bordado, uma cara, como um anjo protetor a olhar por entre as nuvens escuras num trilho de luz. É bonito o desenho. Sombrio, mas poético.

O sótão. A vida hiberna no sótão. O meu olhar leva-me até à caixa de madeira com fechadura em feitio de flor. Abre-se facilmente, apesar da fechadura se encontrar ferrugenta.

A caixa encontra-se repleta de panos brancos bordados. E, neles, sempre a tempestade, o homem e o anjo da guarda.

Reparo que o homem se encontra cada vez mais próximo e o anjo cada vez mais longe. Como gostaria de conhecer a história! Mesmo que eu na altura não a tivesse entendido, certamente que agora conseguia descobrir o seu significado.

Tiro os panos para fora da caixa, para os colocar lado a lado de forma a entender a sua sequência e imaginar uma vida, a vida da tia Deolinda que bordava panos brancos. Mas a história veio ao meu encontro. Num dos panos, algumas cartas.

Pego nos panos brancos, na caixa e na carta e deixo que o sótão continue a hibernar. Coloco o meu tesouro em cima de uma mesa, sento-me na cadeira onde o meu pai costumava ler o jornal e, a medo, desdobro as folhas.

A letra é desenhada, escrita numa tinta de cor arroxeadada, já um pouco desbotada.

“Querido Tomás,

Hoje a tarde está cinzenta e a janela está aberta de par em par. O vento sabe a trovoadas e faz voar a cortina como se fosse um pássaro gigante de grandes asas brancas, transparentes e rendadas. O céu carregado está a reprimir a trovoadas. A tempestade está a acumular tensões, hesita onde rebentar. Tem carácter, mas está indecisa. Lembra-me algumas pessoas que não sabem que caminho tomar, por onde ir, como decidir.

Ah, ela aí está! O estrondo intrépido do primeiro trovão, os festejos de luz a faiscar no céu cinzento. Eu sei que vais voltar. Eu sei...”

Faço uma pausa na leitura.

Começa a chover. A tia Deolinda inicia um cântico que se mistura com o estalar da natureza. É quase um ritual em que ela se embala.

A chuva. A chuva banha-lhe o rosto. As lágrimas. A tristeza nos seus olhos...

Continua a cantar a sua melodia. Mas a melodia é agora um lamento. Torna-se em choro. Ela chora baixinho. Bebe a chuva que lhe cai nas mãos estendidas. Bebe a chuva temperada com as próprias lágrimas e com as palavras que canta em segredo.

- Avó, a tia está a chorar! - digo-lhe eu, aflita.

- É bom que chore, é bom que chore, para aliviar o coração! - diz a minha avó com tristeza nos olhos e nas palavras.

- Avó, por que está ela a chorar? - quero saber.

- Neta, tu não ias entender! Tu não ias entender! - responde-me ela.

- Avó, e se a tia Deolinda estiver a ficar doente da cabeça... - digo-lhe eu, ansiosa, e com muita pena da minha tia.

- Sabes, neta, a doença dela está na alma... no coração, é uma doença de amor, de saudade. Não podemos fazer nada.

O seu olhar perde-se na roupa que torce com mais força.

Retomo a leitura.

“Comecei a tapar os móveis e tenho no chão da entrada quatro malas. Ontem à noite flutuava no ar uma sensação estranha. Uma sensação que me causou arrepios. Era como se tu estivesses aqui a respirar junto ao meu pescoço. Como se tu me estivesses a tocar. Fiquei com frio e acendi a lareira. E aconteceu a coisa mais fantástica. Tu estavas no fogo. Tu eras a alma do fogo e nada me pareceu no momento mais sublime do que o teu rosto dentro da fogueira. E chamavas-me para dentro do lume, a tua mão parecia que me puxava para dançar contigo. Nós dançámos dentro do fogo, enlaçámos os nossos corpos em labaredas lilases.

E, foi então, que prometeste que virias na tempestade, que virias para ficar para sempre comigo. Não voltarias a partir, nem eu precisaria de voltar a fazer as malas.

Tenho medo que não consigas encontrar o caminho de volta. Tenho muito medo, porque o caminho é escuro e deserto. Tenho medo que te percas na tempestade. Tenho medo que a luz do meu amor não chegue para te iluminar o caminho.

E sabes o que eu decidi nesse momento em que te vi no fogo? Decidi indicar-te o caminho para não te perderes. Decidi bordar em cada pano branco a luz que te vai conduzir de novo até aos meus braços. E fiz até uma promessa, numa oração íntima e sincera, de nunca deixar de bordar até sentir o teu corpo de novo, junto ao meu, a dançar dentro do fogo. Assim, em cada pano, tu terás a luz que te vai indicar o caminho de volta, tu terás o teu anjo da guarda para te proteger”.

Paro de ler. Compreendo finalmente o bordado dos panos brancos.

A tia Deolinda e o seu coração destroçado. A sua história de amor.

- Sabes, avó? Não precisas de me contar nada. Eu já percebi.